

Apresentação

*Antonio Carlos Rodrigues de Amorim**

Porque se chamava currículo, também se chamava "viagem de ventania"...

Nomeação currículo em verso da canção Clube da Esquina II. *E lá se vai, mais um dia...* Moço, homem, currículo. Substância do sonho, corpo sonâmbulo *em meio a tantos gases lacrimogênicos, ficam calmos, calmos...*

O currículo sonho não envelhece? Só *porque se chamava homem*. Também porque é multidão, *entorna pelas ladeiras, entope o meio fio*. Satura-se da posição e do lugar ocupado em um território, um campo, uma regulação, uma síntese, um 1, Uno.

Multiplicidades: *Esquina mais de um milhão quero ver então, a gente, gente, gente...*

Essas gentes, menos homem, menos sujeito, mais memórias, mais apagamentos, mais esquecimentos e mais e mais e mais e +.

Uma das propostas deste dossiê temático é perguntar, com o esvaziamento e o não-sentido do campo do currículo na Educação. E isto numa intensidade de crítica e clínica ao seu *status* de Texto, Figura e Nome. *Ao primeiro passo, aço, aço...*

Estrada e ventania, deserto habitado por rastros invisíveis marcados pelo vento nas areias, grãos em dispersão, movimentados e deslocados quase que constantemente. Barulho da ventania, *de tudo se faz canção, e o*

Flávio Venturini - Clube dan Esquina II
Milton Nascimento / Lô Borges / Márcio Borges

Porque se chamava moço
também se chamava estrada
Viagem de ventania
Nem lembra se olhou pra trás
Ao primeiro passo, asso, asso,
Asso, asso, asso, asso...

Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases
lacrimogênicos
Ficam calmos, calmos,
Calmos

E lá se vai mais um dia...

E basta contar compasso
E basta contar consigo
Que a chama não tem pavio
De tudo se faz canção
E o coração na curva
De um rio, rio, rio, rio, rio...

E lá se vai mais um dia

E o rio de asfalto e gente
Entorna pelas ladeiras
Entope o meio-fio
Esquina mais de um milhão
Quero ver então a gente, gente
Gente, gente, gente, gente, gente
E lá se vai mais um dia...

* Professor do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação da Unicamp e coordenador do GT Currículo da ANPEd (Bienio novembro de 2005-outubro de 2007).

coração. Coração? Narrativas e memórias afirmadas por resistir, disparar contra a máquina de um estado de estriamento da superfície lisa do currículo deserto, mil gentes, despersonalizadas da sua organicidade corpórea e potentes em seus desejos, subjetivações de um currículo corpo vivo, vibrátil e acontecimental.

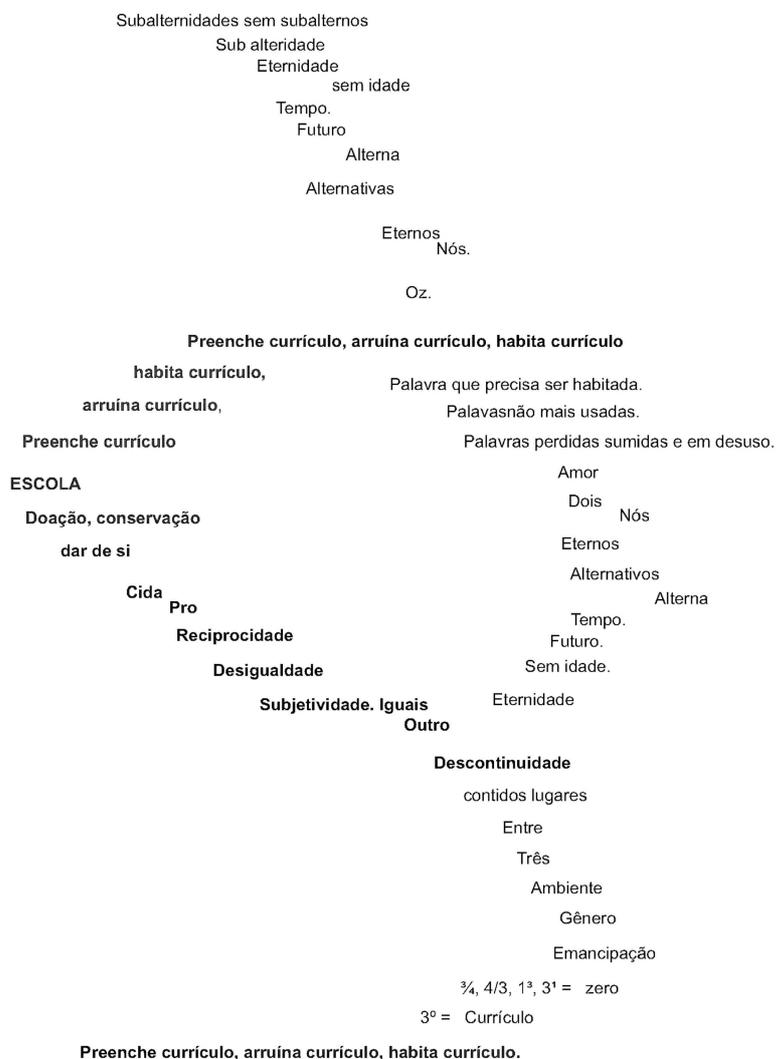
A leitura dos artigos de Ivor Goodson, Maria do Carmo Martins e Maria Inês Petrucci Rosa, linhas pulsantes que estendem este dossiê, é surpreendente passagem entre nome, corpo, substância e histórias de vida para afirmar o currículo.

Na estrada de sua nomeação, ele se depara com a história, alguns de seus métodos, estilos de pensamento e arranjos. Pensa-se currículo, foge de seu nome, inventa um outro nome, passa-se por outro. *Nem lembra se olhou pra trás*. Currículo esquecido e esquecimento da vida que preenche o currículo, compasso e desenho do homem. Assim, persiste e irrompe sem gente. O encontro com a história permite a constituição de uma possível “sua história”, em que há multiplicidade de condicionantes, interpretações, explicações e estabilidades. O currículo sai da posição do nome e requer-se como testemunho e sonho. *Que a chama que não tem pavio*. O currículo por um sopro: no limiar de virar outra matéria, substância, e apagar-se.

O encontro com as narrativas, na viagem em companhia do vento, compõe o currículo com seu conector de pensamento professor e professora. Ganha substância humana, revés de jogo do preenchimento-esvaziamento de sua superfície branca sobre a tela branca do sol do deserto na areia. Nomeia-se reflexo e quase *basta contar consigo*. Quase, pois o nome *si* já não mais aceita o currículo, joga-o novamente na estrada, viagem, *na curva de um rio, rio...* Diáspora em uma topografia que requer a contenção do disperso, da multidão, pelo enquadramento da disciplina, de conhecimentos escolares. Reflexos da ilusão, descontínua pelas multiplicidades.

Em canção, o currículo traça seus territórios na história, atrita-se incorporalmente com o vento e com a luz. Não cabe, mesmo, em *si*. Não bastou e nem se deixou contar, narrar, biografar. Está preso, virou texto, virou discurso, virou norma, virou campo. Virou professor e professora. O currículo virou gente, sob controle, e possível de fugir ao controle; resiste à nomeação de sujeito universal. O currículo com história e com sujeitos é devir em composição não-monolítica.

*Currículo e desconstrução das subalternidades*¹



(Pensamentos em palavras, derivada da Sessão Currículo e Desconstrução da Subalternidade.
16/10/2006. ANPEd. ACAmorim)

1. Título da Sessão Especial ocorrida na 29ª Reunião Anual da ANPEd, no ano de 2006 em Caxambu, coordenada pelo GT Currículo, e com participação de Jane Felipe, Nadir Azibeiro e Marta Pernambuco.

Trabalho gráfico do artista plástico Gustavo Torrezan, graduando do curso de Artes Visuais da Unicamp.

Trinta e uma linhas currículo-tempo-máquina

Estraçalhamentos de originalidades e comparações para reverberar, atravessar, tensionar o teatro da repetição que produz o diferentemente diferente sem comparações/ Nas margens estendidas das paisagens as dicotomias, na sua vetorização múltipla, as máquinas binárias de distribuição entram em colapso, perdem as referências/ Uma busca por insuflar o acaso e ramificar os pensamentos para produzir o jogo da criação, das múltiplas leituras e expressões: do devir culturas/ Desdobrar este currículo como meio bifurcante, descentrado/ tecer um discurso que se insinua no *entre*, este entendido como o corpo do nome, como o lugar da fenda/ Não há originais, não sendo suportável a relação modelo-cópia/ Na superfície das imagens, uma outra leitura para o currículo-tempo-acontecimento/ pensar encontros heterogêneos, híbridos, monstruosos/ o currículo como ponto de esvaziamento em ruína a não clamar inocência/ como resistir às máquinas binárias, como fugir da repetição do mesmo, como quebrar as linhas, fazendo rupturas imperceptíveis, potencializando as fissuras, os devires menores/ pensar entre as coisas: a composição no lugar do processo ensino-aprendizagem/ *Sentido único sem sentido/ Feed-Back máquinas técnicas – Arte – socius sistemas semióticos/ Máquinas cada vez mais desterritorializadas/ liquidação universais, significante, etc. / Máquinas abstratas = cristalização de potencialidades, dança muda em deca coordenadas tempo, espaço, substância de expressão, matéria intensiva/ abolição pontos fixos transcendententes história/ invariantes provisórias tecidas em filo maquínico/ agenciamentos coletivos/ ruptura enunciação individuada / sujeito responsável-culpado out/ splitting do ego, falta, falo, out, out, out... Significação sempre caso de poder/ significações dominantes/ gramaticalidade dominante/ especialistas interpretação = polícias do significante / Para as bandas do desejo = potência-rizoma / Para as bandas do poder = buraco negro, arborescência, hierarquia, Maniqueísmo de valores/ fim do quanto a si = devir animal, planta, rizoma, entradas múltiplas = máquinas técnicas, arte, socius, sistemas semióticos – sentido único sem sentido / mutações maquínicas abstratas, plano consistência maquínica/extratos – representação – produção – signo – coisa – socius, out / ruptura oposição sujeito – objeto / semiotização aberta / agenciamentos maquínicos / processo coletivo enunciação – produção / sujeito transcendental out / multiplicidades / intensidades desterritorializadas /.*

Outra vontade deste dossiê é aglutinar, na escrita, a dispersão caótica do pensamento sobre currículo e deixar a caoticidade acontecer. Entre espaços escritos por Wladimir Garcia, Elenise Cristina Pires de Andrade e José Mario Aleluia Oliveira, aproxima-se Félix Guattari². Passagem de um *campo* para um *plano* de composição do currículo.

2. Texto "Vinte e duas linhas máquina", em GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular. Pulsões Políticas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense. 1987. 229p.